O Talento Poético de Alencar Segundo a Crítica

Joaryvar Macêdo

Em que pese ainda à persistência de alguns em diminuir a obra de José de Alencar, o consenso geral da crítica aponta-o como talento supremo, realçando-lhe, também, o incomum engenho poético.

Evidentemente, quando essa mesma crítica exalça as qualidades do Alencar poeta, distingue *poeta* (isto é, o que tem faculdades poéticas) de *versificador* ou *versejador*. (1)

Foi, por certo, considerando o autor de *Iracema* como *versificador* ou *versejador*, que o acatado crítico literário cearense, Braga Montenegro, se exprimiu nestes termos: "Alencar não era nem matemático, nem filósofo. Também não era poeta em sentido restrito, isto é, o artista capaz de se comunicar com palavras animadas de idéias, de imagens, de sons, de ritmos e de uma técnica característica." (2)

Observe-se o pormenor: não era poeta, em *sentido restrito*.

Assegura, outrossim, Braga Montenegro: "Ele conhecia, porém, suas limitações neste particular." (3)

E quem sabe? Talvez pelo fato de conhecer as próprias limitações no *versejar*, o nosso maior indianista se tenha restringido à publicação de apenas um livro de versos: o poema épico *Os Filhos de Tupã*, deixando inéditos cinco: *Niterói*, *Rio de Janeiro*, *Temara*, *Trovas de um Palerma* e *Poesias Diversas*.

Lembre-se, de passagem, que, de modo geral, os que tratam de *Os Filhos de Tupã* ressaltam-lhe a carência de originalidade, a insipidez etc. Ademais, o poema, além de escrito em versos brancos ou soltos, ficou inacabado. Essas circunstâncias, aliás, a nosso ver, não depõem tanto contra o Alencar poeta. Também inacabado (de dezesseis cantos foram publicados somente os quatro primeiros) saiu o famoso poema épico, igualmente de versos brancos, *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias. José Basílio da Gama notabilizou-se com o *Uruguai*, de versos soltos. E Fagundes Varela, desprezando o verso rimado, compôs o *Cântico do Calvário*, reputado das mais sentidas elegias da língua portuguesa.

De qualquer forma, a despeito das poucas vozes dissonantes, a crítica abalizada louva, em coro, o talento poético de Alencar, ao fazer prosa, particularmente nos romances *Iracema* e *O Guarani*.

Antes de demonstrar essa verdade, façamos uma digressão.

Não ignoram os estudiosos que tanto estrangeiros como nativos, desde o primeiro século do descobrimento, começaram a exaltar "os encantos da natureza brasileira". Mas, só com o advento do Romantismo, poetas e prosadores decantariam e descreveriam, com vigor e consciência, toda a exuberância dessa mesma natureza. Decorre disto uma marca especial, apanágio do romantismo brasileiro: "a poesia da natureza", que teve, como representantes máximos, os indianistas, na prosa e no verso. Por isso, a esta "poesia da natureza" costuma chamar-se, também, "poesia indianista", caracterizada pela idealização do nosso selvagem. É que essa idealização e a descrição da natureza se integram, completam e harmonizam.

E seria Alencar o mais vigoroso representante da corrente indianista, e, por isso mesmo, o mais perfeito exemplo de romântico, não só pelo idealismo das figuras que soube criar, senão também, e, principalmente, pela poesia que foi capaz de imprimir, com força e brilho, a seu estilo.

Essa peculiaridade da obra de Alencar é reconhecida e louvada pela crítica serena e segura.

Já a seu tempo, quando os arreganhos dos invejosos e despeitados se insurgiam contra ele, houve os que lhe fizeram justiça, enaltecendo-lhe as invulgares qualidades, como foi o caso de Machado de Assis, que, comentando *Iracema*, glorificou o autor, também como poeta, com aquele juízo tão acertado quanto conhecido: “O livro do Sr. José de Alencar, que é um poema em prosa, não é destinado a contar lutas heróicas nem cabos de guerra.” (4) (...) “Em poucas palavras descreve o poeta a beleza física daquela Diana selvagem.” (5) (...) “. . . são capítulos traçados com muito vigor, o que dá novo realce ao robusto talento do poeta.” (6) (...) “Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima.” (7)

A esse juízo indiscutível do romancista de *D. Casmurro* juntamos alguns outros, colhidos em críticos, estudiosos e professores categorizados, cearenses e brasileiros, de diferentes épocas. E dizemos “alguns outros”, porquanto a falta de tempo e, sobretudo, a deficiência bibliográfica na região onde residimos — (o Cariri é pobre de bibliotecas, e de bibliotecas pobres) — impediram-nos de ir além. Não houve, portanto, na feitura destas notas, a mínima intenção de preterir a quem quer que seja.

Não obstante a exigüidade, esses depoimentos consagradores são bem uma amostra de como os entendidos proclamam a pujança do talento poético de Alencar.

Agripino Grieco, o irreverente, ferino, inexorável e mordaz, teve para com o criador da Literatura Nacional palavras como estas: “Já Alencar tem a poesia, o entusiasmo dos adolescentes e das raparigas enamoradas e, com ou sem música de Carlos, vale em si mesmo, na mais deliciosa música, na mais rica pintura de sílabas com que um homem de prosa e um homem de tinteiro envergonhou os nossos alinhadores de estrofes e os nossos manejadores de pincel”. (8)

Augusto Meyer, para quem Alencar é o maior poeta indianista, vê, em sua obra, “uma poderosa imaginação que transfigura tudo, a tudo atribui um sentido fabuloso e não sabe criar senão dentro de um clima de intemperança fantasista. Poeta do romance, romanceava tudo”. (9)

José Osório de Oliveira, após relacionar obras do ilustre filho de Messejana, assevera: "Demonstra esta enumeração a variedade, a riqueza temática da obra de Alencar, mas dela se conclui, facilmente, que essa obra foi determinada por um propósito, em vez de ser o produto de realidades vividas. O que prova, aliás, o poder imaginativo, o talento criador de ficções, o gênio poético desse grande escritor que foi, sem dúvida alguma, José de Alencar". (10) E acrescenta: "Visão poética, a de Alencar, correspondendo aos seus dons não de versificador, mas de poeta em prosa — e sob esse aspecto, influi ainda, pois um escritor de hoje, Plínio Salgado, a ele foi buscar a concepção do romance-poema, e, até, a divisão estrófica dos capítulos. O que de Alencar viverá, enquanto houver quem leia a língua portuguesa, são pequenos poemas em prosa, como alguns dos rítmicos trechos de *Iracema*, que levaram Guilherme de Almeida a dizer que Alencar se enganou, "pensando que fez a prosa", pois fez realmente 'poesia'. Os trechos iniciais dos dois primeiros capítulos desse livro verdadeiramente belo no seu artifício (...) exemplificam essa qualidade do gênio de Alencar..." (11)

Para Eugênio Gomes "o que Alencar praticava não era propriamente o romance poético, e sim, designadamente, o romance-poema ou poemático" e observa ele que "se a linfa homérica pôde chegar até nós, foi José de Alencar o único escritor brasileiro que teve a felicidade de banhar nela a fronte sonhadora". (12)

Por sua vez, Gladstone Chaves de Melo diz que a "música do estilo alencarino é menos fruto de intenção e trabalho consciente que conseqüência natural de seu talento e vocação poética". (13)

O ritmo musical na obra alencarina, aliás, é frisado com freqüência. Afrânio Coutinho, por exemplo, afirma: "Pode o estilo de José de Alencar parecer declamatório ao gosto da nossa época, um tanto brilhante e sonoro. Isso era próprio do Romantismo. Ninguém lhe negará, porém, essa suave musicalidade, que muita vez faz do discurso um verso poli-rítmico bem acentuado e melodioso". (14)

Neste particular, atente-se para o asserto de Raimundo Girão, constante de *Ecologia de um Poema*, bem fundamentado

estudo acerca da obra-prima do seu patrono na Academia Cearense de Letras, à qual chama “poema da virgem dos lábios de mel”: “Todo esse animismo, essa vivência da natureza e do homem, toda essa pujança e força de sentimentos e de compreensões recíprocas formam no romance-poema orquestração maravilhosa, que o autor dirige com a batuta da sua imaginação e ele mesmo executa com os primores de notas e sons de um estilo inimitável e até hoje inimitado, jamais esquivo aos mais rasgados louvores e ditirambos”. (15)

Atente-se, também, a esses excertos de Aduato de Alencar Fernandes, que cognomina Alencar “romancista poeta”: “Aureolado pela luz da imortalidade, *Iracema* — poema épico, em prosa — continua ocupando, depois de cem anos de publicidade permanente, o pórtico dourado da literatura brasileira.” (16) (...) “*Iracema* tem, como poema em prosa, o privilégio de uma linguagem poética, particular, que o autor expressa de maneira a dar o encanto geral de alguma coisa de estranha musicalidade. É o timbre doce e cantante do idioma tupi — *nhengatu*, — pondo em relevo a língua de nossos índios.” (17) (...) “Na heroína cearense José de Alencar vive a expressão maior do seu poema, plantando com ele o marco definitivo da literatura brasileira.” (18) (...) “O que a crítica tem dito sobre *Iracema* é bem pouco. No entanto, a obra considerada como romance nacional, transcende os limites da narração romancesca, para ser o que é: poema épico, vindo da *lenda* para o domínio da *epopéia*.” (19)

Analisando a linguagem do “poema alencarino” *Iracema*, José Valdivino chama a atenção do leitor para o ritmo musical da obra: “É a introdução do romance, poética e enternecedora. É a voz do mar, do mar cearense, constantemente verde e bravio. É de tal intensidade o numeroso da frase que são verdadeiras cordas de verso”. (...) “Os períodos são ritmados, sonoros, sugerindo movimento de onda.” (20) (...) “A linguagem metafórica de *Iracema* é uma constante melodiosa, perfumando todo o drama.

“Quem possuirá força plástica maior para urdir poema mais lindo, como o deste período!: — “Estrangeiro, toma o último sorriso de *Iracema*... e foge!” (21) (...) “Amiúdam as metáforas, quando se aproxima o final do romance. Com-

preende-se: é o patético do poema, a chave da bela poesia, que forma *Iracema*, o livro cívico de um povo.” (22)

Essa musicalidade não ficaria despercebida do incomplacente José Veríssimo: “Há, no estilo de Alencar, colorido, sonoridade, mesmo música, eloqüência, emoção comunicativa...” (23) como não ficou de M. Cavalcanti Proença que assim falou a respeito de *Iracema*: “Trata-se de uma epopeia romântica, em que o mundo da narrativa continua e constantemente se vai refletindo no espelho das comparações”. (24) (...) “*Iracema*, entretanto, parece entre os de Alencar o livro que mais receptividade encontrou pelas suas qualidades musicais, pelo imaginoso da expressão, pela harmonia da estrutura.” (25)

Esse aspecto, salienta-o Edigar de Alencar, na obra-prima do fundador da Literatura Brasileira: “*Iracema* não teve apenas a glorificação de cultos e letrados. O povo a consagrou, relendo-a sempre ou conservando de cor seus trechos mais belos. Tal a sua sugestão poética, que alguns capítulos têm sido encaixados em antologias poéticas”. (...) “É que a lenda do Ceará não é apenas uma estória bonita e bem contada, mas um livro escrito com o coração, em ritmo de cantiga de embalo. Em nenhum dos seus demais romances, Alencar terá sido mais poético e mais sedutor.” (26).

Diverso não foi o parecer de Sânzio de Azevedo, que, referindo-se aos capítulos iniciais de *Iracema*, acentua: “. . . no primeiro, destaque-se — como aliás já tem sido inúmeras vezes feito — a musicalidade dos períodos, o ritmo cantante das frases que, em vários passos, vão coincidir com alguns versos do metro tradicional, pelo número de sílabas e pelos ictos”. (...) “E seguem-se as frases, não mais em versos medidos, mas numa atmosfera de poesia que envolve perfeitamente significante e significado.” (27).

A musicalidade da *Lenda do Ceará* foi destacada também por Andrade Furtado, em estudo que intitulou de *Romance-Poema*: “José de Alencar era um cultor de Parnaso. Traçou magistralmente, em tonalidades encantadoras, o livro, cujo centenário encheu, ainda agora, de vibração indianista e de calor ardente, os aplausos ao seu formoso epinício, dedicado a *Iracema*.” (28).

Destacaram-na, por igual, Antônio Cândido e José Aderaldo Castello: “Nos efeitos plásticos e sonoros, inda continua vivo, apesar da passagem dos tempos e das modas, — seja na prosa poética e ritmada de *Iracema* ou *Ubirajara*, seja no esforço analítico e realista de *Senhora* e *Lucíola*.” (29).

Apresentados estes julgamentos com que os seus emissores põem em relevo o ritmo musical da frase alencarina, transcrevamos outros, nos quais o gênio poético do mais popular romancista do Brasil se patenteia, notadamente em se tratando de *Iracema* e *O Guarani*.

São de Manoel Albano Amora estas afirmações: “José de Alencar, outro celebrado escritor, cantor imortal da terra cearense nas páginas de *Iracema*, o romance que é na opinião de Afrânio Peixoto uma nova *Eneida*, destinado a cantar as origens brasileiras, foi também poeta. O livro de *LENDA CEARENSE* e o *Guarani* são verdadeiros poemas em prosa”. (30)

Estudando *O Guarani*, tece-lhe acalorados elogios Antônio Soares Amora: “E uma das mais belas obras da língua portuguesa resultou em ser *O Guarani*, porque plenamente atingido foi seu fim estético. Concebido enquanto “epopéia” (em prosa) o romance tinha de conter um tema épico de significação nacional; e tal sentido épico e nacional logrou Alencar imprimir, convincentemente, à história da Casa do Paquequer...” (31) (...).

“Alencar, com sua hipersensibilidade, sofreu sempre a mágoa de não ter sido compreendido e de não terem feito justiça às suas obras, sobretudo àquelas, como *O Guarani*, escritas em momentos de intenso entusiasmo artístico, de culminante inspiração poética e realizadas com extrema felicidade de achados literários. Não tomemos, entretanto, ao pé da letra, as amarguras e as queixas do escritor. *O Guarani*, se não logrou ser uma obra-prima da categoria de *Iracema* (escrito dez anos depois), foi, por todos os títulos, a mais bela realização do ideal de uma “epopéia fluminense, e nacional”, formulado pela Geração de 30...” (32)

Menos elogiosas não seiram as expressões de Alceu Amoroso Lima: “Sua originalidade, portanto, não está nisso. Está em ter precisamente levado o indianismo, de recurso estético de expressão, n’*O Guarani*, a elemento nacional de tipo-

logia (*Iracema* é o tipo mais típico de nossas letras) poética e cultural..." (33) (...)

"*Iracema* é evidentemente um símbolo, um poema simbólico. Antes de tudo um poema em prosa, numa fusão de prosa e poesia, na qual o estilo novo e brasileiro da gema já se destaca do tronco português, para se lançar como ramo de vida própria." (34).

Idêntica, a opinião de Graça Aranha, citado por Mário Linhares: "Tem-se dito que *O Guarani* é o grito do Ipiranga da literatura brasileira. Pela primeira vez a alma brasileira canta livremente, sem as cadeias da tradição colonial. A língua incorreta, exuberante, é a de uma nação jovem que desaprendeu a disciplina clássica e goza alegremente das primícias da liberdade. Em todo o poema sopra o espírito da mocidade". (35)

Da mesma esteira, o próprio Mário Linhares: "Alencar, criando o romance nacional, revelou o Brasil, mostrou a feição própria da psiché de sua gente e de seu torrão, através de páginas cheias de poesia, de mocidade, de palpitação, de exuberância tropical". (36). Ele mesmo escrevera a respeito de *Iracema*: "É bem verdade que, embora (Alencar) vivesse fora, nunca esqueceu o Ceará e *Iracema* é um inconcusso testemunho disso. Nas páginas desse lindo poema — poema deve ser denominado esse poético e comovente romance aborígene — está retratada toda a profunda emoção de amor e saudade do filho ausente". (37)

Registre-se o parecer de José Newton Alves de Sousa: "Apesar dessa incerteza de êxito, alguma coisa de muito firme nasceu e demorou em Alencar: a consciência de haver escrito um poema. Poema enraizado na terra, crescendo e enseivando-se no encontro das "raças" vindas das selvas e do mar." (...) "*Iracema*, para ficarmos só nesta obra-prima, é o poema cearense por excelência, até mesmo no arrojo das imagens e na riqueza verbal, forma, talvez, de que se valeria o Autor, como resposta à agressividade da terra pobre, supra-realidade compensadora da adustez telúrica." (38)

Seja registrado, também, um parecer de Olívio Montenegro, bem como outro de Fran Martins. Eis o do primeiro: "Não sei de autores românticos no Brasil que tenham so-

brevivido com mais glória a José de Alencar e livros de José de Alencar que tenham sobrevivido com mais gosto aos seus romances poéticos: *O Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*.”(39) O do segundo é este (reportando-se a *Iracema*): “Livro feito com a finalidade de tecer um hino de glórias à sua terra natal, o romance-poema logo passou a ser lido e admirado por todos.” (40)

Assegura Francisco Marialva Mont’Alverne Frota: “Ademais não seria a prioridade desses critérios que iria alterar as concepções de tantos sobre a valoração de cada um deles dentro de nós. Tal como não seria a prioridade cronológica do indianismo gonçalvino que lhe daria a primazia sobre o alencarino, como canhestramente quer demonstrar crítica desatenta. Nem de outra órbita, seria a força poemática da prosa de Alencar, que ressalta tão ternamente em *Iracema*, que desfiguraria o lirismo do mestre da *Canção do Exílio*.

“Se faltou a José de Alencar a concepção consumada de uma cosmogonia, foi, a mais de uma vez, o mestre da fabulação, do épico, da urdidura romanesca e do pinturesco realçante de *O Guarani*.” (41)

Em estudo acerca de *Iracema* e o indianismo alencarino, escreve José Aderaldo Castello: (...) “Ao demais, quando o seu extravasamento é enriquecido pelas dimensões estéticas de uma criação de grande superioridade poética. É o caso da transubstanciação de um anseio afetivo no poema lírico que é *Iracema*, pelo Autor dado como ‘Lenda do Ceará’: muito mais lírica do que épica...” (42)

Raquel de Queirós, à sua maneira, tão característica de seu estilo, desta forma fala de *Iracema*: “Belos também, mas enfáticos, são os diálogos; e altissonante, deliberadamente “poesia-em-prosa” é a linguagem do autor. No entanto, apesar disso — ou por causa disso, quem poderá dizer? — *Iracema* é irremissivelmente um clássico, um desses livros únicos que ficam no coração do povo, no qual ele se revê, como num denominador comum dos seus ideais, dos seus conceitos de beleza — a expressão escrita da sua alma mais recôndita.

“Contou-me um amigo, dedicado a pesquisas filológicas no México que, na velha língua asteca, não existia palavra própria para designar a poesia. Usavam para esse fim uma pala-

vra composta que, traduzida literalmente, quer dizer “flor e canto”. E eu me pergunto se *Iracema* não será precisamente a realização dessa fórmula remota, “flor e canto”, ela própria?” (43)

Até mesmo em versos, poetas renomados exaltam *Iracema* como poema. É o caso do Padre Antônio Tomás: “E sinto n’alma uma tristeza infinda, / Vendo morrer a tabajara linda / De que nos fala o trágico poema.” (44). É o caso também de Cruz Filho: “Que narre o fim do amargo poema / A voz aflita da jandaia, / Dizendo o nome de Iracema / À solidão da triste praia...” (45) É o caso ainda de Manuel Bandeira: “Além, muito além da serra / Que lá azula no horizonte / Inventou a donzela insonte, / Símbolo da nossa terra, / E escreveu o que é mais poema / Que romance, e poema menos / Que um mito, melhor que Vênus: / A doce, a meiga Iracema.” (46)

A todos os conceitos, até aqui estampados, seguem-se mais alguns, nos quais continua em destaque a pujança, do engenho poético do imortal polígrafo cearense.

Este é de Antônio Cândido: “A poesia e a verdade de sua linguagem (de Alencar) permitiram-lhe adaptar-se a uma longa escala de assuntos e ambientes, do mato ao salão elegante, da Colônia aos seus dias, da desenfreada peripécia ao refinamento da análise.” (47)

Esse outro é de Clóvis Monteiro: “Nas obras dos nossos indianistas não se nos depara apenas o reflexo das impressões de autores estrangeiros, mas também a vibração de um sentimento nacionalista que impulsionou Gonçalves Dias e José de Alencar a poetizar momentos longínquos da vida selvagem da nossa terra...” (48)

Também Ronald de Carvalho diz: “O sentimento discreto do artista e do homem concorreu para realçar o encanto dos seus livros, de um colorido sóbrio e penetrante. Alencar era antes de tudo poeta...” (49). Aliás, para Ronald de Carvalho, Alencar foi “o maior poeta épico da raça brasileira”, esclarecendo José Osório de Oliveira que ele escreveu isto “entendendo, certamente, pela palavra *raça* o que tem a designação de povo”. (50)

E, finalmente, Josué Montello, após a transcrição de trecho inicial de *O Gaúcho*, comenta: “Difícilmente se poderia

supor, após a leitura dessa página, que seu autor desconhecia o cenário assim descrito com tanto luxo de pormenores. Passa por ela um sopro de poesia épica, com o frêmito das emoções realmente vividas — e a verdade é que, para compor a sinfonia de abertura de *Os Gaúchos (sic)* José de Alencar via apenas o papel da escrita, que ia imaginosamente colorindo com as tintas de seu espírito criador”. (...) “Essa demasia das paisagens alencarinas (...) obedecia à visão poemática do romance, própria de José de Alencar. Desde cedo essa visão o empolgou.” (51)

Ao finalizar estes rabiscos, faz-se mister reconhecer que os trechos para aqui trasladados, dissociados dos respectivos contextos, desvirtuam-se um pouco. Mesmo assim, constituem-se em ótimas amostras de como a melhor crítica proclama o gênio poético do incomparável cantor da terra cearense.

Extraordinário poeta, ao realizar prosa, o foi, na verdade, aquele que é a maior figura das letras nacionais.

É voz generalizada.

“Evidentemente, José de Alencar empunhava a lira com ternura, leveza e suavidade. Mas, para ser considerado favorito das Musas, não necessitava dedilhar a harpa, combinando a harmonia da forma com o metro e a rima, ao bafejo do talento”, na tão acertada expressão de Andrade Furtado.” (52)

Nota: Em todas as transcrições feitas no vertente estudo, usa-se a ortografia ora em vigor.

1 — Vejam-se, a esse respeito, na *Revista da Academia Cearense de Letras*, número comemorativo do Centenário de publicação de *Iracema*, Ano LXIX, Nº 34, o trabalho de Andrade Furtado: *Romance-Poema* e o de Manoel Albano Amora: *José de Alencar, Poeta*, onde se lê que “o grande filho do Ceará também escreveu versos. Não os fez tão bem como o romancista de *D. Casmurro*, embora haja sido algo exagerado o crítico que afirmou ser ele magnífico poeta em prosa e de flagrante prosaísmo em suas poesias”.

- 2 — *Iracema — Um Século* — Inseto em *Iracema*, edição comemorativa do Centenário, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1965, pág. 35.
 - 3 — *Iracema — Um Século* — Inseto em *Iracema*, cit., pág. 40.
 - 4 — *Critica Literária* — Editora Mérito S. A., 1959, pág. 74.
 - 5 — *Critica Literária*, cit., pág. 76.
 - 6 — *Critica Literária*, cit., pág. 81.
 - 7 — *Critica Literária*, cit., pág. 83.
 - 8 — *Evolução da Prosa Brasileira* — 2ª edição — Rio de Janeiro, 1947, pág. 49.
 - 9 — *Alencar — Apenso a Iracema*, edição do Centenário, Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1965, pág. 257.
 - 10 — *História Breve da Literatura Brasileira* — 2ª edição brasileira — Livraria Martins Editora, São Paulo, 1965, pág. 65.
 - 11 — *História Breve da Literatura Brasileira*, cit., pág. 67.
- Nota:** A propósito da asserção de Guilherme de Almeida, leia-se o trabalho de Braga Montenegro: *Iracema — Um Século*, inserto em *Iracema*, edição comemorativa do Centenário, Imprensa Universitária do Ceará, cit., a partir da página 38.
- 12 — *Aspectos do Romance Brasileiro* — Livraria Progresso Editora, Salvador, 1958, págs. 37 e 51.
 - 13 — *Alencar e "A Língua Brasileira"* — Inseto em *Iracema*, edição crítica, I. N. L., Rio, 1948, pág. 39.
 - 14 — *A Literatura no Brasil* — Volume I — Tomo 2 — Editorial Sul Americana S. A., Rio de Janeiro, 1956, pág. 887.
 - 15 — *Ecologia de um Poema* — In CLÃ, 21, dezembro, 1965, pág. 24.
 - 16 — *José de Alencar e a Lenda Indígena* — In CLÃ, cit., pág. 76.
 - 17 — *José de Alencar e a Lenda Indígena* — In CLÃ, cit. pág. 77.
 - 18 — *José de Alencar e a Lenda Indígena* — In CLÃ, cit., pág. 79.

- 19 — *José de Alencar e a Lenda Indígena* — In *CLÁ*, cit., pág. 80.
- 20 — *A Linguagem de Alencar em Iracema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, número comemorativo do Centenário de publicação de *Iracema*, Ano LXIX, Nº 34, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1968, pág. 33.
- 21 — *A Linguagem de Alencar em Iracema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 39.
- 22 — *A Linguagem de Alencar em Iracema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., págs. 43-44.
- 23 — *História da Literatura Brasileira* — 4ª edição — Editora Universidade de Brasília, 1963, pág. 206.
- 24 — *Transforma-se o Amador na Coisa Amada* — Apenso a *Iracema*, edição do Centenário, Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1965, pág. 282.
- 25 — *Transforma-se o Amador na Coisa Amada* — Apenso a *Iracema*, cit., pág. 299.
- 26 — *A Centenária e Sempre Jovem Iracema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 72.
- 27 — *Literatura Cearense* — Publicação da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1976, págs. 52-53.
- 28 — *Romance-Poema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 65.
- 29 — *Presença da Literatura Brasileira* — Vol. I — Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1964, pág. 337.
- 30 — *José de Alencar, Poeta* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 49.
- 31 — *A Literatura Brasileira* — Vol. II — Editora Cultrix, São Paulo, S/data, pág. 261.
- 32 — *A Literatura Brasileira*, — Vol. II, cit., pág. 263.
- 33 — *José de Alencar, Esse Desconhecido?* — Inseto em *Iracema*, edição do Centenário, M.E.C. — Instituto Nacional do Livro, 1965, pág. 46.
- 34 — *José de Alencar, Esse Desconhecido?* — Inseto em *Iracema*, cit., pág. 48.
- 35 — *História Literária do Ceará* — Rio de Janeiro, 1948, pág. 22.
- 36 — *História Literária do Ceará*, cit., pág. 23.

- 37 — *História Literária do Ceará*, cit., pág. 21.
- 38 — *Três Lições de Iracema* — In CLÃ, cit., págs. 89-90.
- 39 — *O Romance Brasileiro* — 2ª edição — Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1953, pág. 47.
- 40 — *Um Centenário* — In CLÃ, cit., pág. 1.
- 41 — *Gonçalves Dias* — In *Aspectos*, 10, publicação da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, Fortaleza-Ceará, 1977, pág. 94.
- 42 — *Iracema e o Indianismo de Alencar* — *Apenso a Iracema*, Livraria José Olímpio Editora, cit., pág. 280.
- 43 — *Cem Anos de Iracema* — Inseto em *Iracema*, M.E.C. — Instituto Nacional do Livro, cit., pág. 31.
- 44 — *Depois de Ler Iracema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 48.
- 45 — *Verdes Mares Bravios* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 87.
- 46 — *Louvado do Centenário de Iracema* — Inseto em *Iracema*. Livraria José Olímpio Editora, cit., pág. 9.
- 47 — *Formação da Literatura Brasileira* — 2º volume — Livraria Martins Editora, São Paulo, s/data, pág. 232.
- 48 — *Esboços de História Literária* — Livraria Acadêmica Rio de Janeiro, 1961, pág. 194.
- 49 — *Pequena História da Literatura Brasileira* — 9ª edição — F. Briguiet & Cia. Editores, Rio de Janeiro, 1953, pág. 251.
- 50 — *História Breve da Literatura Brasileira*, cit., pág. 66.
- 51 — *A "Comédia Humana" de José de Alencar* — In CLÃ, cit., págs. 6 e 8.
- 52 — *Romance-Poema* — In *Revista da Academia Cearense de Letras*, cit., pág. 66.